

Levantamento Participativo sobre Mudanças Climáticas e Impactos à Saúde Timbira

Levantamento Participativo sobre Mudanças Climáticas e Impactos à Saúde Timbira

Centro de Trabalho Indigenista - CTI
Associação Wyty-Catë das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins

2024

Centro de Trabalho Indigenista (CTI)

O Centro de Trabalho Indigenista (CTI), fundado em 1979, é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída por profissionais comprometidos com o presente e o futuro dos povos indígenas. Tem como finalidade contribuir para a autodeterminação dos povos indígenas e a defesa de seus direitos, colaborando para que os mesmos exerçam o controle territorial e a gestão ambiental de seus territórios, além de apoiar sua afirmação étnica e cultural. O CTI atua em Terras Indígenas situadas nos Biomas Amazônia, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa. Para saber mais consulte: **trabalhoindigenista.org.br.**

CONSELHO ESTRATÉGICO
Andréia Bavaresco (presidência),
Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão, Maria Elisa Ladeira, Maria Inês Ladeira, Juliana Noleto e
Eliza Castilla

COORDENAÇÃO GERAL
Eliza Castilla, Helena Ladeira, Jaime Siqueira, Juliana Noleto, Marcelo Hotimski, Priscila Chianca e
Renato Bock

COORDENAÇÃO EXECUTIVA
Jaime Siqueira e Juliana Noleto

Programa Timbira

COORDENAÇÃO
Juliana Noleto e Priscila Chianca

COORDENAÇÃO ADJUNTA
Mariana Guimarães

CONSELHO
Maria Elisa Ladeira, Gilberto Azanha e
Elisete da Silva Noleto

EQUIPE TÉCNICA
Amadeus dos Santos, Renan Chaves, Nayane Januário, Paula Sobral, Fernando Ralfer e
Maria Helena Rodrigues

ASSESSORIA JURÍDICA
Aluisio Azanha

MONITORAMENTO DE PROJETOS
Pollyana Mendonça

Associação Wyty-Catë

A Associação Wyty-Catë das comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins, fundada em 1994, é uma organização indígena que articula e defende os direitos dos povos Timbira. Atua nas agendas de educação, saúde, proteção e gestão territorial e ambiental, dentre outras áreas, realizando interlocuções e incidências políticas junto aos órgãos e instituições da sociedade nacional, e implementando projetos comunitários em apoio às práticas socioculturais diferenciadas e a integridade dos territórios Timbira.

DIRETORIA
Oscar Wanhme Apinajé (Diretor-Presidente)
Paulo Thugram Canela (Vice Diretor – Presidente)
Letícia Jokahkwyj Krahô (Diretora Financeira)
Wagner Crowahreh Krikati (Vice Diretor Presidente)
Edivaldo Totxwá Gavião (Diretor Administrativo)
José Kadete Porhé Canela (Vice Diretor Administrativo)

ASSESSORIA
Alixeya Porto Tinto

CONSELHO POLÍTICO
Gercilha Krytkwyj Krahô, Alberto Hapyhi Krahô, Jonas Pynheh Gavião, Maíra Xipcwyj Gavião, Arlete Cacuxen Krikati, Maria Capacwyj Krikati, Joel WanhmeXy Apinajé, Creuza Nhiró Apinajé, Francisquinho Tephot Canela, Vladimir Rodiporo Canela, Antônio Karruxà Canela e Olimpio Tute Canela.

Equipe do Levantamento Participativo

CONSULTORES TÉCNICOS
Instituto Chillindrina (Álvaro Palha, Herbert Matos, João Paulo Lima Barreto, Eliene Rodrigues Putira Sacuena) e Lirian Monteiro

PESQUISADORES INDÍGENAS
Edvaldo Totxwá Gavião, Maíra Xipcwyj Gavião
e Letícia Jokahkwyj Krahô

ASSESSORIA TÉCNICA
Amadeus dos Santos e Paula Sobral

COLABORADORES
Júlia Trujillo Miras

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO
Juliana Noleto e Priscila Chianca

DIAGRAMAÇÃO
Fernando Ralfer

Índice

1. Introdução e Antecedentes 6

2. Metodologia 10

3. Mudanças Climáticas e Saúde Timbira 14

3.1. Conhecimentos e percepções gerais sobre mudanças climáticas e saúde 14

3.2. Rastreando as mudanças no tempo 16

3.2.1. Território e Água 16
3.2.2. Alimentação 18
3.2.3. Doenças 20
3.2.4. Plantas Medicinais 22

3.3. Mapeamento de desafios e formas de adaptação 24

4. Considerações Finais 26

5. Quadro Resumo ..... 29 a 33

“Saúde é ter um corpo e um território forte. O corpo só está forte quando o território e a cultura também estão. Então ter saúde é ter água limpa, ter floresta em pé, ter peixes, caças e frutos sem contaminação, comer alimentos tradicionais das roças, realizar os rituais, cumprir os resguardos alimentares, manter e passar nossa cultura e conhecimentos pras gerações mais novas.
Se o territorio está fraco, está ameaçado, se nossa cultura e conhecimentos não estão em movimento, então o corpo vai enfraquecer e vai adoecer também”.

Gercilha Krytkwyj Krahô

1. Introdução e Antecedentes

Os desafios enfrentados pelos povos indígenas diante das mudanças climáticas têm sido analisados e monitorados em termos do seu impacto no território e na vida das comunidades, mas ainda há poucos estudos sobre os impactos diretos e indiretos na saúde dessa população que tem sofrido com as transformações dos regimes de chuva e seca, o aumento da temperatura e da pressão sobre os seus territórios. O quadro de vulnerabilidade dos povos indígenas é agravado pelos desafios do sistema de atendimento à saúde indígena e pelas características socioculturais da vida comunitária desses povos, profundamente vinculada às dinâmicas ecossistêmicas e dos recursos naturais de seus territórios. Por outro lado, os povos indígenas têm demonstrado de forma exitosa estratégias próprias de adaptação que perpassam os conhecimentos associados à medicina indígena, funções sociais vinculadas aos cuidados em saúde e a incorporação de novas tecnologias e práticas que fortalecem a proteção e sustentabilidade de seus territórios.

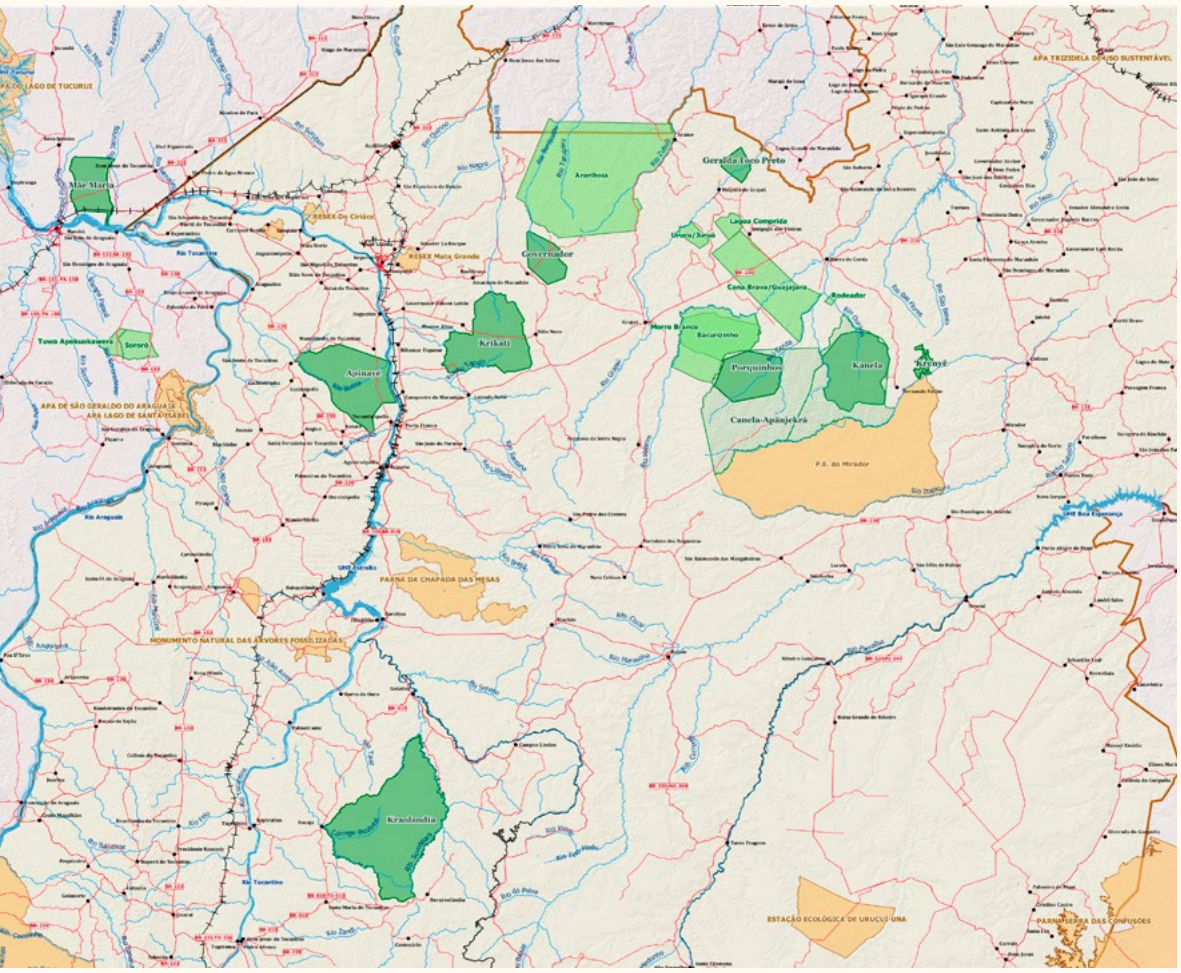
O levantamento aqui apresentado se insere no contexto da atuação de mais de 45 anos do Centro de Trabalho Indigenista – CTI, em parceria com as comunidades Timbira e a Associação Wyty Catë das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins, sendo realizado no âmbito do projeto Health and Climate Change: Challenges for Amazonian Indigenous Peoples, implementado pela Hivos, que teve como um dos objetivos a elaboração de um diagnóstico realizado junto a povos indígenas do Brasil, Equador e Colômbia para identificar como as mudanças climáticas são percebidas, principalmente no que se refere aos impactos na saúde dessas populações.

No Brasil, a pesquisa foi realizada junto aos Krahô e Gavião Pyhcop Catiji, povos que, juntamente com os Krikati Põo Catiji, Apinayé, Apanjekrá-Canela, Memortumré-Kanela, Krepym Catejê, Krenyê e Paracatejê, formam os chamados povos Timbira. Pertencentes ao tronco linguístico Jê e habitantes de um território histórico, que compreendia uma vasta área de Cerrado e transição para a Amazônia ao longo de toda a bacia do Rio Tocantins e sua confluência com o Rio Araguaia.

Além da língua em comum, os Timbira, compartilham origem, referências culturais e formas de organização social e política, e mantém relações estreitas de parentesco, trocas rituais e articulação política interna para a defesa de seus direitos. São povos tradicionalmente caçadores e coletores

que, ao longo dos mais de 200 anos de contato com a sociedade envolvente, resistiram aos massacres, políticas assimilacionistas e ao esbulho territorial. Parte de seus territórios foram reconhecidos, delimitados e demarcados pelo Estado brasileiro em 9 terras indígenas descontínuas localizadas no sul do estado do Maranhão, norte do Tocantins e sudeste do Pará, entre os anos 1940 e 1990.

Com uma população atualmente de mais de 13.000 indígenas e mais de 150 aldeias, enfrentam desafios postos pelo modelo de desenvolvimento da região, baseado em atividades econômicas vinculadas ao agronegócio e instalação de grandes projetos de infraestrutura que impactam seus territórios e modos de vida. Os desafios associados à proteção territorial e dos recursos naturais é agregada do enfrentamento aos problemas estruturantes das demais políticas públicas setoriais. Em relação ao tema aqui abordado, são inúmeras as questões, tanto relacionadas às condições e infraestrutura básica associada à atenção à saúde, como desafios históricos relacionados à interculturalidade.



Paíz Timbira

CONTEXTO REGIONAL

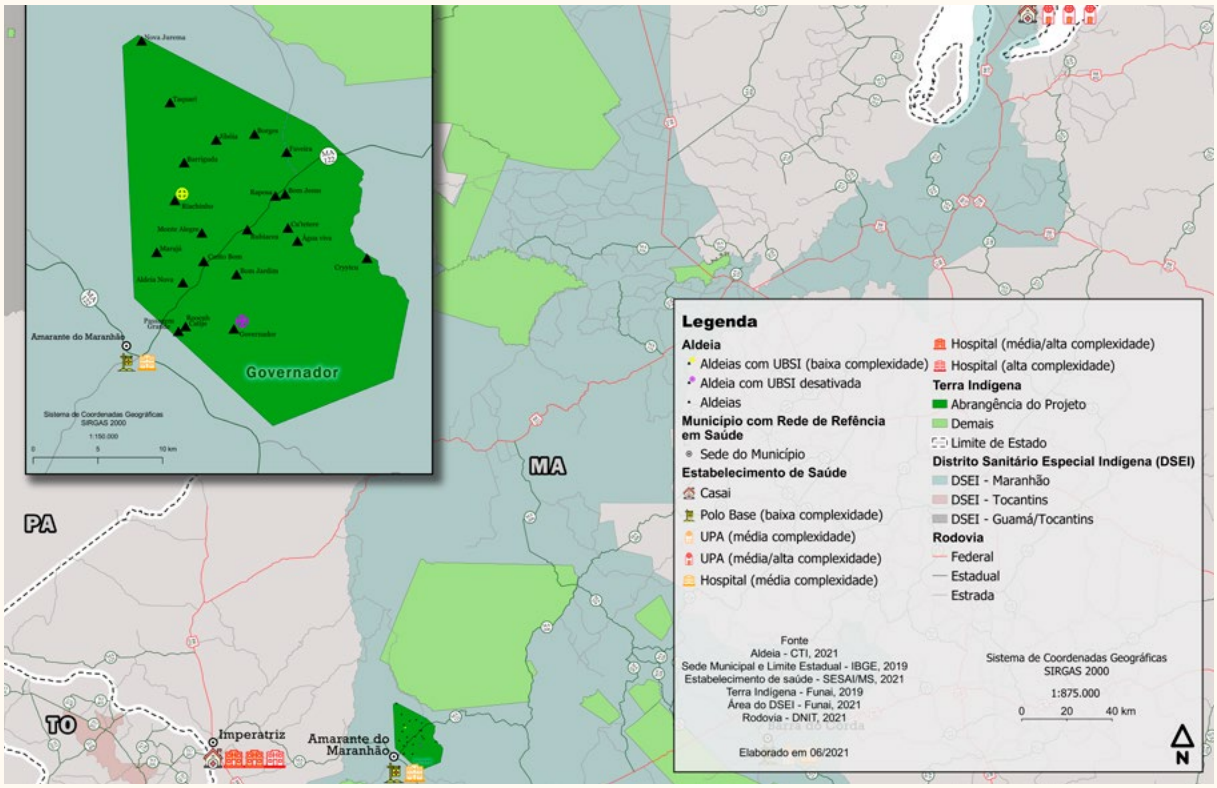


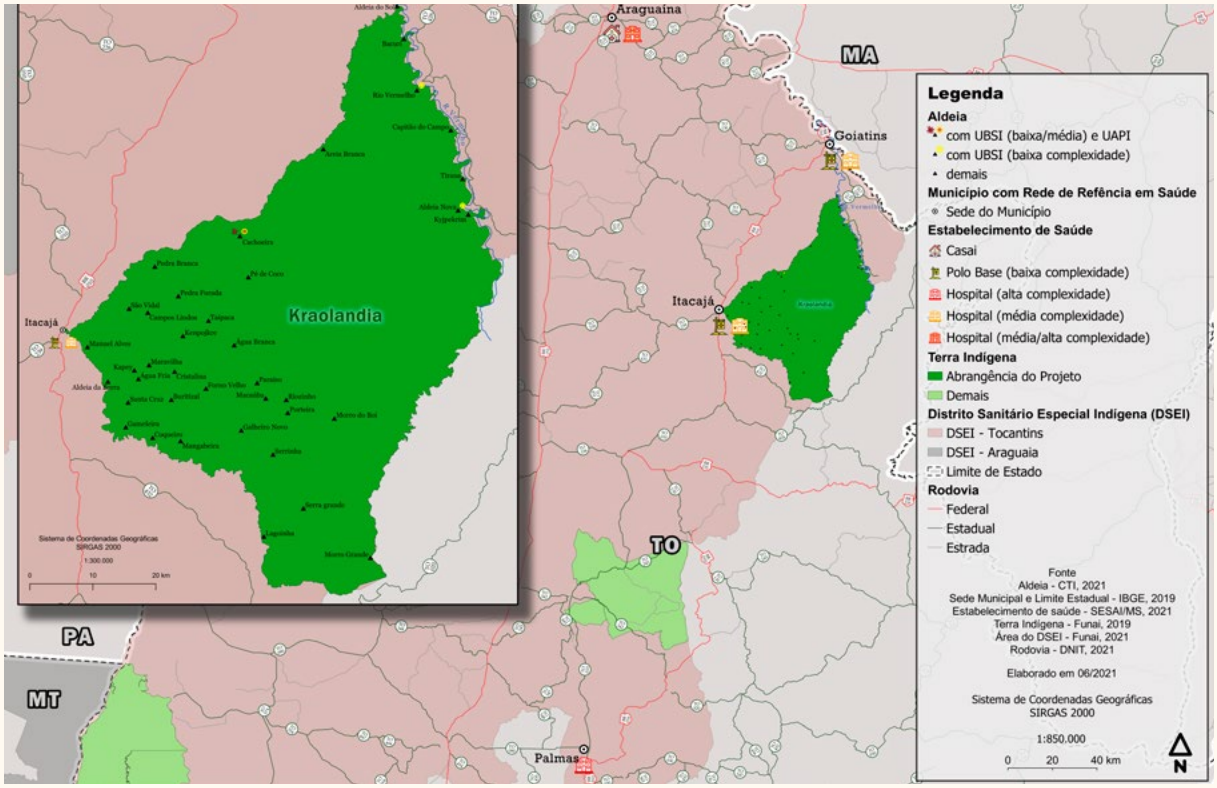




O presente levantamento foi realizado com comunidades dos povos Krahô e Gavião Pyhcop Catiji, respectivamente, habitantes da terra indígena Kraolândia, localizada no estado do Tocantins; e da terra indígena Governador, localizada no Maranhão. Os dois povos somam um total de quase 2000 pessoas e 47 aldeias.

Mapa - Rede de atenção à saúde da TI Governador





Mapa - Rede de atenção à saúde da TI Kraolândia

A proposta metodológica considerou o contexto sociocultural dos povos Timbira e a perspectiva Krahô e Gavião Pyhcop Catiji sobre corpo e território, enquanto concepções fundamentais para compreensão da interrelação entre ambos e as interfaces com as mudanças climáticas. O levantamento contou com a participação de consultores especializados em saúde indígena, pesquisadores indígenas Krahô e Gavião Pyhcop Catiji e equipe de assessoria técnica e política do CTI.

Foram realizados ciclos de campo entre o segundo semestre de 2023 e primeiro semestre de 2024 em aldeias de ambos os povos, considerando critérios como: demografia, situação de vulnerabilidade, diversidade dos subgrupos internos e presença de especialistas em saúde Timbira. Foram levantadas informações sobre as percepções sobre as mudanças do clima, território, água, alimentação, doenças, plantas medicinais, saúde mental, saúde da mulher e o mapeamento de desafios e formas de adaptação desenvolvidas e/ou projetadas pelas comunidades.

Os diálogos foram realizados a partir de uma abordagem que teve como objetivo contribuir para que a reflexão sobre mudanças climáticas e seu impacto na saúde acontecesse a partir das concepções dos Timbira sobre saúde e doença, considerando a interrelação entre corpo e território e o que são as mudanças climáticas para esses povos. A abordagem corpo-território tem como base o trabalho do antropólogo indígena João Paulo Lima Barreto, fundamentado na concepção de que os territórios indígenas são constituídos por meio de relações entre corpos (humanos e não-humanos), inseridos em processos de permanente negociação (BARRETO, 2022).

Assim, os territórios são compreendidos como elementos associados a constituição dos corpos (humanos e não-humanos), e estes, por sua vez, da constituição do próprio território que habitam. Dessa forma, corpo e território são vistos como elementos indissociáveis para pensar a vida e o cotidiano das comunidades indígenas e, no caso deste levantamento específico, se demonstram fundamentais na construção de estratégias comunitárias de cuidado à saúde do povo, considerando aspectos que os diferenciam e aproximam das concepções ocidentais de saúde e mudanças climáticas.

2. Metodologia

Para o levantamento das informações também foram utilizados três formatos de trabalho: 1. Diálogos de Saberes, 2. Andanças no território e 3. Entrevistas Abertas.

Os **Diálogos de Saberes** se deram por meio de oficina com grupos focais, nos quais participaram pessoas de diferentes segmentos, faixa etária e gênero nas comunidades, contribuindo para que diversas percepções e conhecimentos sobre saúde e território se fizessem presentes nos debates. Foram usadas formas distintas de registro e visualização dos debates como construção de mapas, desenhos e murais, intercalando momentos de reflexão e debate com momentos de apresentação em plenária.

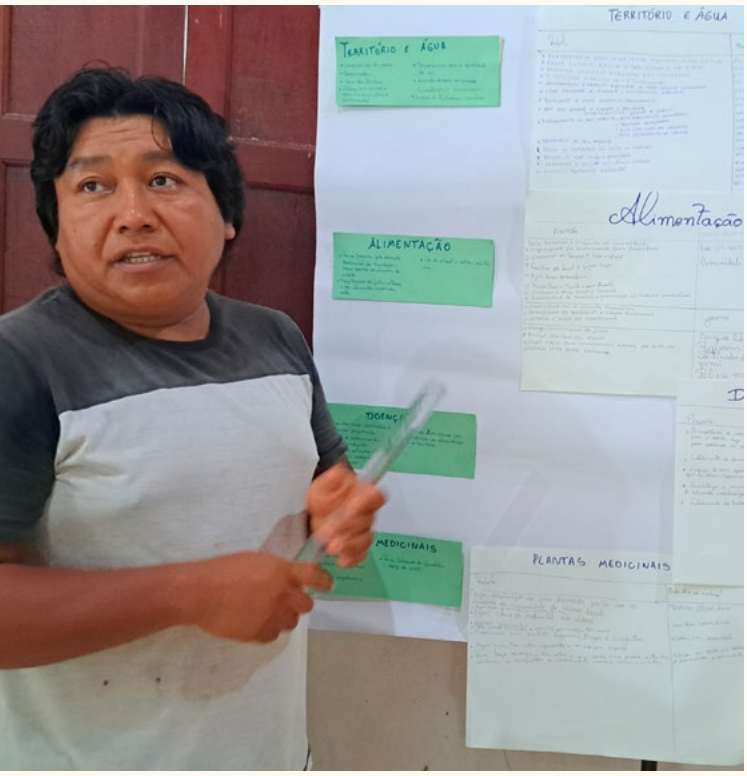
As **Andanças no Território** se deram por meio de visitas a lugares estratégicos e impactados pelas mudanças do clima, no sentido de estimular as narrativas e trazer novos elementos para as reflexões suscitadas ao longo das oficinas. As andanças proporcionam ainda trocas e aprendizados intergeracionais nos espaços onde a vida da comunidade se desenvolve, como as roças, os rios, o pátio da aldeia.

As **Entrevistas Abertas** se deram por meio de conversas com especialistas indígenas, no sentido de profundar os conhecimentos partilhados nos grupos focais. As entrevistas com lideranças, especialistas da medicina Timbira e profissionais de saúde indígena contribuíram para a coleta de informações que não foram compartilhadas por todos do grupo, mas são relevantes para o levantamento.

A abordagem metodológica do levantamento como um todo potencializou reflexões sobre seus modos de vida e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, apresentando os impactos gerados em seus territórios e as dinâmicas com seus corpos, mente e espírito. Este documento apresenta os resultados e análises alcançados.

Atividades Grupo Focal Gavião, TI Governador









Fotos: Eliton Paacy Gavião







Atividades Grupo Focal Krahô, TI Kraolândia



















Fotos: Paula Sobral/Acervo CTI.

3. Levantamento sobre Mudanças Climáticas e Saúde Timbira

3.1. Conhecimentos e percepções gerais sobre mudanças climáticas e saúde

Os Gavião e os Krahô reconhecem inúmeros fenômenos como mudanças significativas no clima e identificam consequências diretas sobre seus modos de vida e processos de saúde-doença.

Segundo suas percepções, os impactos gerados pelas mudanças climáticas podem ser sentidos pelas transformações no território, na saúde e na cultura. Identificam os não indígenas como os responsáveis pelas transformações intensas que estão observando em suas vidas e na terra. Afirmam que os não indígenas são os responsáveis pelo desmatamento que gera as mudanças climáticas, mas que são os indígenas e as comunidades que sofrem as consequências de forma mais severa. Isso porque a vida desses povos está profundamente relacionada com o território, segundo afirmaram os cuidados com o corpo e com a saúde estão em relação direta com os cuidados com o território, um depende do outro. Além dessa relação corpo-território que diferencia esses povos dos não indígenas, eles também reconhecem que tem menos acesso a recursos para realizar ações de adaptação às mudanças climáticas. A falta de água, por exemplo, é uma condição cada vez mais frequente em toda a região, não apenas nas aldeias, contudo nem todos têm meios para construir poço artesiano e extrair água do subsolo.

As mudanças climáticas estão gerando situações extremas de seca (longos períodos sem chuva) e inundações (períodos de chuvas intensas). Segundo a perspectiva indígena, as inundações acontecem porque não há floresta para acolher a chuva (amortizar o impacto da chuva no solo), portanto quando a chuva cai ela “leva tudo”.

As mudanças climáticas são percebidas, principalmente, como alterações nas estações da seca (verão) e da chuva (inverno). Outros aspectos nomeados como “mudanças climáticas” são o desaparecimento dos riachos próximos às aldeias e a intensificação das queimadas das áreas florestais que compõem a terra indígena.

As mudanças no território preocupam os anciões que afirmam que a presença de fazendas no entorno das terras indígenas e o crescimento das cidades estão gerando muita invasão e devastação, impactando na disponibilidade de alimentos e na manutenção da cultura. Afirmam que costumavam fazer corridas de toras todas as manhãs e tardes, ter a roça grande e fazer cantorias todos os dias. Contudo, com a atual proximidade dos não indígenas, as pessoas da comunidade não conseguem mais dormir bem, nem realizar os rituais; não conseguem fazer "quase nada", pois ficam escutando os barulhos da cidade, cercados de fazendas e temem pelas constantes invasões ao território realizadas pelos não indígenas.

O diagnóstico mostrou como as mudanças climáticas impactam, de forma direta e indireta, nas dinâmicas da organização social, prejudicando suas formas de compartilhamento e produção de conhecimentos intergeracionais. Também visibilizou a co-dependência existente entre transmissão de conhecimentos, prática de rituais, preservação do território, acesso a animais e plantas e a produção de corpos sadios. O cuidado da saúde, assim como os processos de adoecimento, passa pelo cuidado e atenção com os territórios em que estes povos vivem. Deste modo, as mudanças climáticas foram apontadas como implicando diretamente nos modelos de futuro em disputa nesses territórios.

A escassez de alimentos tradicionais e a insegurança alimentar também foram apontadas como resultados do aumento de temperatura, da escassez de chuvas e das queimadas, fenômenos identificados como mudanças climáticas, que ampliam os riscos à saúde e aumentam os desafios relacionados à desidratação e presença de doenças respiratórias. Em entrevista com uma especialista Gavião em medicina Timbira, esta afirmou que "a mudança no clima está mexendo com o juízo até das crianças".

3.2. Rastreando as mudanças no tempo

3.2.1. Território e Água

Os Os Krahô e Gavião Pyhcop Catiji apresentaram uma análise detalhada sobre as mudanças climáticas que ocorrem em seus territórios, identificando impactos ambientais, sociais e de saúde que vem ocorrendo ao longo do tempo. O conhecimento minucioso do comportamento das estações do ano, permite que identifiquem mudanças significativas que estão ocorrendo nas relações entre seres humanos, animais, plantas, águas e ventos com o território devido às alterações nas estações que não se comportam do mesmo modo que antigamente. O ar está mais quente e seco. O sol está mais intenso e as fontes de água, antes presentes por todo o território, atualmente são escassas e contaminadas com venenos.

Clima: No tempo da seca não sentiam as ondas de calor intenso que sentem agora. Era possível andar, caçar e cuidar da roça durante o dia, agora não é possível sair muito devido ao grande calor que dá dor de cabeça, dor de barriga e muito cansaço nas pessoas. O sol forte também deixa o sono mais agitado. A noite fazia frio, mesmo na época do verão, então quando acordavam de manhã tinha neblina e tinham que fazer fogueira para esquentar. Hoje, mesmo no inverno, faz calor à noite e não tem mais neblina pela manhã.

Há grande preocupação com a demora e diminuição da intensidade das chuvas que deveriam cair de outubro a março, mas atualmente só começam em dezembro, prejudicando a realização das roças. No tempo da chuva (inverno), havia muita riqueza na mata, muito peixe e frutos nativos. Os rios têm secado mais do que o normal no verão (entre abril e setembro) devido a falta de chuva no inverno e o aumento das queimadas no verão.

Água - rios e pesca: Muitos rios e riachos secaram, alguns que eram perenes, agora são intermitentes, desaparecendo no período da seca. As queimadas, a diminuição de chuvas, o aumento da temperatura e a intensificação das invasões enfraquece os riachos e também o solo. Os rios são considerados não apenas importantes fontes de água, mas também de alimento.

Contudo, atualmente, a água não está boa para beber, gerando problemas de saúde. A água está contaminada por venenos, que vem das plantações, e

também pelo desmatamento e acúmulo de lixo nas margens e entorno das nascentes. É importante compreender a magnitude desse fenômeno para a população, pois o consumo de água contaminada é o principal fator de risco para doenças gastrointestinais, tanto parasitárias quanto virais e bacterianas, além de gerar casos graves de desidratação, desnutrição e anemia.

Nas margens dos rios se encontram matérias primas para artesanato, frutas para alimentação e plantas medicinais que só se pode encontrar nestes locais. A diminuição dos rios também implica na diminuição da oferta de animais, que vão buscar água em outros lugares. Há, assim, menos caça disponível. Na época da seca (verão), não dá mais para pescar dentro do território, apenas em áreas fora da terra demarcada. Afirmam também que, embora espécies de peixe não tenham desaparecido, atualmente os peixes são muito menores. A pesca é uma atividade prioritariamente feminina.

A ausência do antigo costume de monitoramento e acampamento próximo aos riachos tem levado ao desconhecimento da rede fluvial existente no território.

Solo, fogo e caça: A intensificação das queimadas traz muitos impactos no solo e na saúde dos indígenas. Houve um aumento de muriçocas e uma diminuição de espécies de árvores, plantas e pássaros (como a Arara e a Ema). Queimadas estão cada vez mais frequentes no território, bem como, invasões de não-indígenas. O fogo torna o solo menos fértil, diminui a biodiversidade e impacta nos rios, diminuindo a fertilidade das roças, que demoram mais para produzir.

Há muita preocupação com as queimadas que impactam na saúde mental dos povos indígenas, gerando tristeza. Afirmam que o aumento da temperatura faz as pessoas ficarem com mais raiva e preocupação em relação ao território, com suas roças e casas, e quando a roça é atingida, a tristeza sentida é ainda maior.

Quando o fogo acontece no tempo da floração das espécies frutíferas, elas não conseguem virar frutas, isso tem feito algumas espécies mudarem a floração e a época de maturação, tornando imprevisível para os indígenas. A demora das chuvas também impacta na safra. A diminuição dos frutos disponíveis para coleta no Cerrado tem impactado na segurança alimentar das populações.

O aumento de fazendas no entorno das terras indígenas e de queimadas, que também alcançam o território, tem gerado o desaparecimento ou rarefação de espécies de animais e de caça e reduzindo drasticamente as possibilidades de consumo de proteína animal. O fogo também mata animais, até mesmo quando é realizado de forma controlada para proteger de queimadas novas ou maiores. A escassez de animais de caça também é atribuída a um aumento da caça predatória fora dos territórios indígenas, bem como as atividades agropecuárias, que afugentam animais nativos.

A pressão do entorno, gerada pelo aumento da ocupação das áreas urbanas e do número de fazendas, aumentou a devastação da mata e a invasão dos territórios indígenas impactando na cultura e na saúde desses povos. A diminuição na produção das roças gera insegurança alimentar; a proximidade com os não indígenas enfraquece as práticas culturais, gerando ansiedade, medo, alterando o sono e piorando a saúde mental das pessoas.

Ar e vento: O ar está mais quente e seco, o que tem gerado doenças respiratórias entre crianças, adultos e idosos. Antes confiavam no ar que respiravam, mas hoje têm medo de adoecer pela fumaça ou doenças trazidas.

Nos últimos anos têm havido ventanias intensas, com risco de derrubada de casas. Na época das queimadas o cenário piora. Houve também aumento na quantidade de raios no território, com casos de acidentes em que casas foram severamente impactadas e moradores da comunidade se acidentaram. Embora esta questão possa estar relacionada à recente chegada de energia elétrica no território, é preciso investigar as causas e melhorar a proteção da comunidade.

Os especialistas em medicina Timbira conhecem diversos métodos para acalmar os ventos e trovões, mas por conta das mudanças no território, está difícil encontrar as plantas medicinais apropriadas para realizar os procedimentos necessários.

3.2.2. Alimentação

As mudanças na dieta alimentar dos Krahô e Gavião Pyhcop Catiji - resultantes de um processo continuado de transformações culturais no contexto pós-contato e, especialmente, no pós-demarcação das terras in-

dígenas – se intensificaram nos últimos anos com o acesso e consumo de alimentos industrializados e ultraprocessados, em detrimento dos alimentos vinculados às atividades tradicionais de subsistência: roças, caçadas, pescarias e extrativismo. A introdução de novos hábitos alimentares se desdobrou no surgimento de doenças consideradas dos não indígenas, como diabetes, hipertensão e obesidade, cujas incidências nas aldeias estão em um quantitativo alarmante e crescente.

A co-relação entre a diminuição do consumo dos alimentos tradicionais e o acometimento de doenças antes não existentes é amplamente percebida entre os Krahô e Gavião que consideram o consumo dos alimentos e bebidas tradicionais como capazes de prevenir doenças e fortalecer o corpo. Nesse sentido, são inúmeras as estratégias de fortalecimento das atividades tradicionais de subsistência. Não obstante, os efeitos das mudanças climáticas estão trazendo um novo desafio para a realização dessas atividades e, consequentemente, para o consumo de alimentos que trazem benefícios à saúde.

O cultivo de alimentos nas roças tradicionais está sendo impactado pelas mudanças do solo e do regime das chuvas. A variação e inconstância do calendário sazonal e agrícola tem tido efeitos diretos na produtividade das roças, não são raros os relatos de perdas de todo um ciclo de cultivo de alimentos devido à falta de chuva, excesso de chuva e empobrecimento do solo. Outra dimensão é a dificuldade de realização das atividades de preparação, cultivo e colheita nas roças em razão das ondas de calor intenso e os sintomas decorrentes – dores de cabeça, picos de pressão alta e indisposição.

As mudanças do clima também têm tido impacto direto na diminuição do estoque pesqueiro e consumo de peixes devido às transformações na dinâmica e contaminação dos recursos hídricos – rios que eram perenes estão intermitentes, e rios antes fartos de ictiofauna estão escassos de biodiversidade. O acesso e consumo dos animais de caça, por sua vez, está igualmente impactado devido à dispersão dos animais, seja por conta da diminuição do volume e qualidade da água, seja por conta das perdas de vegetação ocasionadas pelo aumento dos incêndios florestais. Estes últimos também têm efeitos diretos sobre o acesso e consumo de recursos extrativos, as áreas de coleta têm sofrido perdas diante das queimadas e as safras dos frutos têm apresentado instabilidade devido à variação do calendário sazonal. Esses efeitos estabelecem uma relação direta entre clima, impacto no território e saúde (cuidado com os corpos).

As práticas culturais, como os resguardos e rituais, são uma forma importante de regular a alimentação e manejar os recursos de modo saudável e sustentável. Realizar os resguardos de maneira correta é sinônimo de boa saúde, principalmente quando se trata de mulheres gestantes. Assim, observam que os mais velhos tem uma saúde melhor que os mais novos, pois foram criados obedecendo os resguardos e realizando os rituais. Observa-se que a ausência de alimentos tradicionais e a consequente substituição por alimentos e bebidas industrializados têm impacto nas práticas culturais coletivas e na saúde.

Junto com a entrada nos territórios de alimentos industrializados, também entraram as bebidas alcoólicas, o aumento do consumo de bebidas alcoólicas é associado pela comunidade ao aumento da violência de gênero e do número de suicídios, principalmente, entre os jovens.

3.2.3. Doenças

A concepção de doença e saúde entre os Krahô e Gavião está relacionada a uma percepção que conecta aspectos físicos, mentais, espirituais e ambientais. O fenômeno biológico de doença e saúde é concebido a partir do entendimento de que o corpo se constitui a partir de um conjunto de relações com diversos seres e elementos que co-habitam e constroem o mundo - a terra, o Cerrado, os rios, os animais, plantas, as pessoas, a família, artefatos utilizados no cotidiano de vida.

Nesse sentido, ter saúde é entendido como um bem viver intrinsecamente relacionado ao território e à cultura. Ter saúde é ter água limpa, ter floresta em pé, ter peixes, caças e frutos sem contaminação, comer alimentos tradicionais das roças, realizar os rituais, correr com tora de buriti, cumprir os resguardos alimentares e manter as demais práticas e referências culturais vivas e operantes. Tudo isso é determinante para a saúde e o adoecimento é o processo de desequilíbrio desses elementos que constituem um corpo forte.

No atual contexto de intensificação dos efeitos da mudanças climáticas – sentidas pelos povos como mudanças nos regimes de chuva e seca, escassez de recursos hídricos, deteriorização da qualidade do ar e da água, ondas de calor intenso, aumento da degradação ambiental e da inseguran-

ça territorial por conflitos no acesso aos recursos naturais - o aumento das doenças incidentes e a presença de novas doenças se demonstrou como uma realidade preocupante e associada a essas transformações e ameaças.

O quadro epidemiológico nas aldeias é marcado por altos índices de diabetes, hipertensão, obesidade e crises renais devido à diminuição da produção e consumo dos alimentos tradicionais e consequente aumento dos produtos industrializados. Doenças gastrointestinais, tanto parasitárias quanto virais e bacterianas, em razão do consumo de água contaminada. Crises de pressão arterial, enxaquecas e desidratação devido às ondas de calor intenso. Surtos de dengue devido aos desequilíbrios ecossistêmicos. Aumento de doenças respiratórias devido aos incêndios florestais e o impacto na qualidade do ar. Altos índices de alcoolização e uso abusivo de entorpecentes - o que também tem se desdobrado no aumento de casos de tuberculose - associados às transformações das práticas culturais e a relação destas com as novas dinâmicas territoriais. Distúrbios do sono e dos sonhos devido aos medos e preocupações relacionadas à insegurança territorial. Intensificação das doenças mentais – crises de ansiedade, depressão, suicídios – devido às mudanças e instabilidades das dinâmicas territoriais e falta de perspectiva de futuro.

Em relação à este último aspecto, destaca-se o conceito de “ecoansiedade” para definir o sentimento causado pela preocupação com os efeitos mais drásticos das mudanças climáticas para a garantia das condições básicas de vida - falta de água potável, períodos extensos de estiagem ou de chuvas que inundam trazendo risco de vida, prejuízos climáticos na agricultura, extrativismo, caça e pesca resultando na insegurança alimentar. Cabe ainda ressaltar que esta noção de ansiedade vinculada às ameaças climáticas dizem respeito não somente à preocupação com eventos futuros, mas refere-se igualmente ao luto do que já se perdeu – sejam os próprios modos de vida, como também a perda ecossistêmica.

Neste sentido, a quebra na transmissão intergeracional dos conhecimentos e tecnologias de cuidado são um desafio. A diminuição do número de especialistas da medicina Timbira nas comunidades e o desinteresse dos jovens em aprender esses conhecimentos, ameaçam a continuidade das tecnologias e práticas de cuidado tradicionais. Um exemplo relevante é a preocupação com relação ao aumento do número de partos realizados por meio de cirurgias no hospital. Ocorrendo, inclusive, alguns relatos de casos

de violência obstétrica e de problemas neurológicos nas crianças, verificados após o nascimento.

Apesar do desafio da manutenção das práticas tradicionais, afirmaram interesse pela medicina Timbira e seu fortalecimento, assim como o reconhecimento do papel crucial de parteiras e outros especialistas de saúde. A coexistência de práticas tradicionais e biomedicina está presente na busca por cuidados de saúde. Os Timbira enfrentam o desafio de harmonizar esses sistemas, reconhecendo a importância de ambos na promoção da saúde e na cura.

3.2.4. Plantas Medicinais

Os conhecimentos e práticas preventivas e curativas associadas às plantas medicinais são de domínio dos vários especialistas da medicina indígena Timbira – pajés/curadores, parteiras e cuidadoras – e de praticamente a maioria dos anciões e anciãs. As plantas medicinais na sua integralidade (folhas, raízes, cascas e sementes) e suas propriedades terapêuticas exercem um papel importante na manutenção da saúde em diversas situações – saúde da mulher, parto, picadas de cobra, diarréia, gripe, problemas nas articulações, músculos e ossos, infecções, processos inflamatórios, dentre outros. Trata-se de um saber e prática imemorial – de identificação, preparo e uso - que vem sendo transmitido entre as gerações e cuja continuidade também vem enfrentando desafios associados aos efeitos das mudanças do clima.

Os principais vetores climáticos que ameaçam as plantas medicinais são: o empobrecimento do solo, as queimadas/incêndios florestais e a escassez dos recursos hídricos. Essa tríade tem sido responsável pela escassez e, por vezes, completo desaparecimento de algumas espécies vegetais; seja pela falta de nutrientes no solo para seu desenvolvimento, seja pela diminuição do volume dos rios e, por consequência, degradação ambiental das matas ciliares, seja pela perda de cobertura vegetal com a intensificação dos focos de fogo nos períodos de seca.

O impacto das mudanças climáticas no território tem consequências diretas nos sistemas de uso, manutenção e transmissão dos conhecimentos e práticas medicinais Timbira e suas consequências são particularmente

relevantes nos momentos da gravidez, parto e puerpério. As práticas de cuidado tradicional estão sendo abandonadas em detrimento dos partos hospitalares, que também implicam na não realização de importantes práticas de cuidado tradicionais no período do puerpério.

Embora o uso dos remédios do mato seja complementar ao uso dos medicamentos alopáticos e cumprimento de protocolos da biomedicina - no âmbito dos atendimentos das equipes de saúde - o atual contexto de escassez ou desaparecimento das espécies medicinais e de desvalorização dos especialistas da medicina indígena Timbira é motivo de preocupações e pactuação de estratégias para o enriquecimento e recuperação de espécies; e para a continuidade dos conhecimento e práticas medicinais essenciais para a manutenção da saúde individual e coletiva e soberania sanitária dos povos Timbira a partir de seu próprio sistema de cuidado e atenção à saúde. A adoção de uma abordagem intercultural pelas equipes de saúde sempre foi um desafio, entretanto, com diminuição da oferta de remédios do mato, esse desafio está ainda maior.

3.3. Mapeamento de desafios e formas de adaptação

A elaboração de estratégias de enfrentamento aos impactos causados pelas mudanças climáticas na vida e na saúde indígena devem considerar a situação de vulnerabilidade que essa população está exposta por dependerem do território para sua subsistência física e manutenção sociocultural. Observa-se que as necessidades de mitigação de impactos e formas de adaptação dialogam com as categorias Território e Água, Alimentação, Saúde e Plantas Medicinais de forma interligada, pois para pensar em ações concretas na saúde indígena é preciso pensar em ações concretas no território, como a restauração florestal e a recuperação de nascentes.
O Cerrado em pé deve ser compreendido como um direito fundamental desses povos.

Ao longo do levantamento foram identificadas algumas estratégias de fortalecimento da capacidade de resposta envolvendo a adaptação e a mitigação das problemáticas identificadas no cotidiano das próprias comunidades indígenas. Contudo, essas ações ainda são insuficientes para o impacto que as mudanças climáticas têm gerado nos corpos e no território desses povos. Mais do que ações que estão sendo realizadas foram levantadas diversas propostas para ações futuras.

É importante destacar, no entanto, algumas iniciativas em andamento nos territórios como as ações dos Guardiões da Floresta, dos Agentes Ambientais e brigadistas indígenas na proteção e gestão territorial das terras indígenas e que são uma estratégia importante de adaptação realizada
pelos Gavião e Krahô. A brigada atua na proteção da floresta e de fontes de água, garantindo a segurança das comunidades contra as queimadas, que podem afetar as casas e roças locais, e contra invasores. A comunidade considera esta ação um exemplo que deve ser fortalecido e multiplicado. Os processos de mapeamento do território que as brigadas de incêndio vêm realizando têm se traduzido em progressivo aumento do conhecimento sobre a área e os modos de vida das comunidades locais, promovendo maior qualificação sobre os limites e características deste território, sua fauna e flora - incluindo a disponibilidade e uso de plantas medicinais. Apontam para necessidade de capacitar os brigadistas para aprimorar e ampliar o trabalho realizado pelo grupo.

Outra iniciativa identificada é a articulação de diferentes coletivos de mulheres da comunidade que atuam nas ações de reflorestamento - tema de

conhecimento majoritariamente feminino. Esses coletivos de mulheres são responsáveis por importantes ações para recuperação da vegetação nativa nos territórios, produzindo viveiros, troca de semestes e reflorestando nascentes, o que tem resultado na proteção de animais de caça.

Outras ações e projetos voltados para preservação e manejo sustentável do território, restauração florestal, produção e proteção de sementes nativas, monitoramento de rios, riachos e nascentes, assim como fiscalização de invasões são realizadas nos territórios Timbira. Contudo, a velocidade da degradação e do desmatamento tem sido maior que a capacidade de ação dos povos. Uma das consequências principais para estes grupos é a falta de água, consequência da diminuição das fontes de água presentes no território e da seca prolongada. Assim, a necessidade de ampliar o abastecimento de água potável e da água para irrigação de quintais e roças foi identificado como algo fundamental para garantir a segurança alimentar e a saúde das pessoas.

Também reconheceram a necessidade de fortalecer estratégias comunitárias que visem promover a resiliência das comunidades indígenas, envolvendo especialistas em saúde, pessoas jovens, idosas e mulheres e que promovam o fortalecimento das práticas e saberes tradicionais na adaptação às mudanças sociais e ambientais vivenciadas pelas comunidades em seus corpos e territórios. Nesse sentido, apontam a necessidade de fomentar um maior diálogo com as equipes de saúde. Além da necessidade de garantir a ampliação da presença de equipes de saúde nos territórios, é preciso haver investimento na qualificação dos serviços prestados, sobretudo, no sentido de fortalecimento da atuação em conjunto das equipes de saúde com os especialistas Timbira e profissionais de saúde indígenas. Também apontam para a necessidade de investimento na qualificação dos Agentes Indígenas de Saúde e Saneamento para o fortalecimento do diálogo e atuação em parceria com a vigilância epidemiológica/sanitária dos municípios, vistos como possível estratégia para solucionar problemas relativos as zoonoses e doenças endêmicas, bem como, as questões relativas ao abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos, melhorias sanitárias domiciliares e outros inerentes à engenharia sanitária.

A necessidade de fortalecimento de estratégias comunitárias que reconhecem a importância dos saberes e práticas tradicionais é entendida como fundamental para a promoção de estratégias de adaptação e mitigação das comunidades indígenas frente às mudanças climáticas; e para construir o futuro dessas comunidades.

4. Considerações Finais

O levantamento realizado apontou uma questão estruturante e transversal que perpassa o quadro de saúde das comunidades e as ações necessárias para sua manutenção e fortalecimento: as transformações dos seus modos de vida e de reprodução cultural. O primeiro marco histórico desse processo, o contato com a sociedade não indígena e tudo que se desdobrou – perda territorial e depopulação por massacres e mortes por contaminação de doenças sem imunização – vem sendo continuamente agregado por novas circunstâncias que ameaçam os modos de vida tradicionais e práticas culturais.

Tais circunstâncias abrangem o confinamento territorial pós contextos demarcatórios e os desafios de sustentabilidade dos territórios, a entrada de recursos financeiros e, com ele, do álcool e entorpecentes, as novas tecnologias, as escolas como espaços formais de aprendizagem com seus conteúdos e referências ocidentais, as políticas públicas setoriais que se propõem diferenciadas para os povos indígenas, mas com inúmeros desafios de formulação e execução sob a ótica da interculturalidade. E mais recentemente novas condições climáticas que alteram as dinâmicas territoriais e as formas de se relacionarem com os territórios e seus recursos naturais.

As transformações dos modos de vida e de reprodução cultural são identificadas pelos Timbira como perdas que afetam sua autonomia e os desconectam de conhecimentos e práticas fundamentais para a saúde do corpo e do território. São constantes as reflexões sobre o tempo antigo em que o corpo e o território eram saudáveis, uma vez que o tempo antigo é evocado como referência de cumprimento das práticas culturais: de realização de todo o calendário ritual, de subsistência estritamente pautada nos alimentos das roças, caçadas, pescarias e extrativismo; de obediência aos resguardos alimentares em cada fase da vida e outras práticas para manutenção de um corpo forte, de dinâmicas intensas de transmissão de conhecimentos entre as gerações e entre as pessoas e outros seres – processo pelo qual se dá a preparação e atuação dos pajés/curadores.

Já o tempo de hoje é marcado por inseguranças e instabilidades constantes relacionadas às dinâmicas territoriais e ecossistêmicas intensificadas pelas mudanças do clima. As formas de se relacionar com esse desafio

também se desdobram em impactos aos modos de vida e às práticas culturais; e se o conceito de saúde entre os Timbira considera o vínculo entre corpo, território e cultura, então estamos diante de um novo marco histórico de ameaça a todo o sistema Timbira de cuidados e manutenção de um corpo forte.

5. Quadro Resumo

Mudanças Climáticas e Impactos à Sáude Timbira

Conhecimentos e percepções gerais sobre mudanças climáticas e saúde
Não indígenas como responsáveis pelas ações que causam as mudanças climáticas, mas são os indígenas que sofrem os impactos e as consequências de forma mais severa (racismo ambiental e justiça climática).
Alterações e instabilidades no calendário sazonal e agrícola.
Situações extremas de seca (longos períodos sem chuva) e inundações (períodos de chuvas intensas).
Escassez de recursos hídricos e da qualidade da água.
Intensificação das queimadas/incêndios florestais.
Alterações da qualidade do ar – mais quente e seco, e mais poluído.
Ondas de calor intenso.
Aumento de insetos transmissores de doenças.
Saúde é fruto da inter relação entre corpo, territorio e cultura. É o equilíbrio entre o indivíduo, a comunidade e o ambiente.
Doença enquanto desequilibrio que envolve não somente aspectos fisiológicos, mas igualmente aspectos espirituais, emocionais e culturais.
Saúde e doença estão vinculadas às práticas tradicionais e aos conhecimentos transmitidos por gerações, incluindo a influência de espíritos, sonhos e rituais nos processos de cuidado e cura.
Descontinuidade na transmissão intergeracional dos conhecimentos e práticas de cuidado com a saúde, diminuição do número de especialistas da medicina indígena Timbira nas comunidades e desinteresse dos jovens em aprender esses conhecimentos.
Mudanças climáticas enquanto desdobramento do modelo de “desenvolvimento” dos não indígenas, em oposição à perspectiva indígena de sustentabilidade ambiental e territorial – distintos projetos de futuro em conflito.

Território e Água
Perda de biodiversidade pelas queimadas/incêndios florestais intensificados.
Dificuldade de regeneração florestal, o que diminui a cobertura vegetal e a incidencia de animais de caça.
Dificuldade de acesso à agua - cursos d'água secando por completo e cursos d'água perenes que passaram a ser intermitentes.
Qualidade da água prejudicada pela contaminação por agrotóxicos utilizados nas monoculturas das fazendas limítrofes aos territórios.
Diminuição dos rios implica a dispersão e diminuição dos animais de caça.
Qualidade do solo alterada pela mudança na dinâmica das chuvas e pelas queimadas/incêndios florestais.
Aumento de ventanias e raios, ocasionando acidentes e eventuais óbitos.
Desmatamento acumulado nas áreas do entorno enquanto vetor de pressão sobre os territórios e seus recursos naturais.
Aumento da violência e da insegurança territorial em razão da pressão do entorno para acesso e exploração dos recursos naturais dos territórios

Alimentação
Diminuição do cultivo e consumo dos alimentos tradicionais das roças, devido à baixa produtividade em razão das mudanças no solo e do regime de chuvas.
Perda de variedades de sementes tradicionais.
Dificuldade de realização das atividades tradicionais de subistência por conta das ondas de calor e os sintomas decorrentes.
Diminuição do estoque pesqueiro e do consumo de peixes em razão das transformações na dinâmica e contaminação dos recursos hídricos.
Diminuição da oferta e consumo de animais de caça – dispersão da fauna em razão da diminuição dos rios.
Diminuição da coleta e consumo de frutos e outros recursos extrativos devido às perdas florestais ocasionadas pelas queimadas e instabilidade do calendário sazonal.

Plantas Medicinais
Escassez de plantas medicinais que originalmente se encontram nas margens dos rios, devido à diminuição dos cursos d'água e das matas ciliares.
Escassez de plantas medicinais associadas às áreas de mata ou chapada, devido à perda de biodiversidade ocasionadas pelas queimadas/incêndios florestais e longos períodos de seca.
Intensificação do uso de remédios alopáticos sem orientação adequada e ocasionando intoxicação dos corpos.
Desvalorização dos conhecimentos e práticas preventivas e curativas da medicina Timbira, e intensificação de tratamentos e procedimentos de atenção à saúde asociados à biomedicina ocidental.

Doenças
Doenças gastrointestinais, tanto parasitárias quanto virais e bacterianas, além de desidratação, desnutrição e anemia em razão do consumo de água contaminada.
Intensificação das doenças mentais – crises de ansiedade, depressão, suicídios – devido às tranformações das dinámicas territoriais e falta de perspectiva de futuro.
Altos índices de alcoolização e uso abusivo de entorpecentes associados às tranformações das práticas culturais e a relação destas com as novas dinámicas territoriais.
Crises de pressão arterial, enxaquecas e desidratação devido às ondas de calor intenso.
Altos índices de diabetes, hipertensão, obesidade e crises renais devido à intensificação do consumo de alimentos industrializados em oposição aos alimentos tradicionais das roças.
Distúrbios do sono e dos sonhos devido aos medos e preocupações relacionadas à insegurança territorial (desequilibrios ambientais, pressões do entorno e altos índices de violencia contra os indígenas).
Doenças diarreicas agudas (DDA) devido à falta de acesso à água potável.
Doenças de pele devido à potencial contaminação dos rios por pulverização de agrotóxicos.
Surtos de dengue devido aos desequilibrios ecossistêmicos.

Estratégias de adaptação e mitigação
Fortalecer as ações de vigilância, monitoramento, mapeamento e controle territorial (Guardiões da Floresta e Agentes Ambientais Timbira).
Fortalecer as ações de manejo integrado do fogo e restauração florestal de áreas degradadas (Brigadas Indígenas e Agentes Ambientais Timbira).
Articulação de coletivos de mulheres da comunidade para atuar nas ações de reflorestamento e fortalecimento dos alimentos tradicionais.
Fortalecer coletivos de mulheres, cuidadores, curadores para ações de educação em saúde, sob a ótica da interculturalidade, visando diálogos e orientações em temas como: resguardos e remédios tradicionais, saúde da mulher, processos de alcoolização e uso abusivo de intorpecentes, saúde mental, doenças incidentes.
Fortalecer o diálogo intercultural na saúde indígena com processos formativos, mas também com a participação formal dos especialistas da medicina Timbira nas equipes de saúde de atenção primária.
Ações de preservação e manejo sustentável do território (recuperação, produção, disseminação e proteção de sementes nativas; monitoramento e recuperação de nascentes, enriquecimento e adensamento de áreas com plantio de frutíferas e espécies nativas, fortalecimento dos quintais produtivos, com farmácias vivas).
Ações comunitárias que promovam o fortalecimento das práticas e saberes tradicionais e que envolvam especialistas em saúde, pessoas jovens, idosas e mulheres (compartilhamento intergeracional dos conhecimentos e práticas da medicina Timbira).
Ampliação de equipes de saúde nos territórios com melhoria na qualificação dos serviços prestados e garantia de atuação em conjunto com os especialistas Timbira e profissionais de saúde indígenas (fortalecer a estrutura e dinâmicas de atendimento e a interculturalidade na saúde indígena).
Qualificação dos Agentes Indígenas de Saúde e Saneamento para atuação em parceria com a vigilância epidemiológica/sanitária dos municípios.
Viabilizar e ampliar o abastecimento de água potável e da água para irrigação de quintais e roças identificado como fundamental para garantir a segurança alimentar e a saúde das pessoas.
Fortalecimento e cumprimento dos rituais; intercâmbios entre os povos Timbira para troca de conhecimentos sobre os rituais.

Realização

Apoio

Centro de Trabalho Indigenista - CTI
Associação Wyty-Catë das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins

2024